

## (RE)CONHECENDO O PERFIL DO USUÁRIO DE CRACK DE SANTA CRUZ DO SUL



**Edna Linhares Garcia**

*Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil*

**Dulce Grasel Zacharias**

*Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil*

**Gabrielly Winter**

*Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil*

**Julyana Sontag**

*Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil*



### **Resumo**

O presente artigo se origina da pesquisa intitulada “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul – RS”, que investigou a problemática psicossocial e suas implicações individuais, coletivas e familiares no município. Apresenta-se aqui um recorte nos dados alcançados, que se refere ao perfil dos usuários desta substância. Baseada numa metodologia quantitativa e qualitativa, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas em sujeitos que estavam vinculados aos serviços de tratamento (ESF, CAPSia, CAPS AD, CT e Hospitais de referência), e a outros espaços comunitários, totalizando 200 entrevistas, sendo 100 com familiares e 100 com usuários de drogas. A amostra dos usuários de crack foi constituída por 87% do sexo masculino, a maioria entre 19 e 32 anos de idade (61%), com o ensino fundamental incompleto (51%). Constata-se que o uso de drogas se inicia na adolescência, entre os 10 e 15 anos de idade (62%), e que estes usuários trazem histórico de dependência química na família. Decorre daí a importância de analisar estes dados e repensar as políticas públicas de prevenção e tratamento.

**Palavras-chave:** Drogas. Crack. Usuários. Perfil.

### **Introdução**

A história das drogas se mescla a da humanidade, sendo possível afirmar que todas as sociedades já fizeram uso de algumas destas substâncias, diferindo apenas na quantidade, tipos ou finalidades (BUCHER, 1992). Atualmente o consumo de drogas é um dos mais inquietantes problemas de saúde pública no mundo. O Relatório Brasileiro sobre Drogas (BRASIL, 2009) indica um aumento no uso de droga ilícita, mas não aponta dados atuais

sobre o consumo do crack, expondo a necessidade deste levantamento (PULCHERIO et al., 2010). O crack revela-se hoje a mais temida das drogas, devido ao acelerado processo de devastação com efeitos nefastos e impactantes para o indivíduo e a sociedade. Segundo Vargens, Cruz e Santos (2011), os usuários desta substância constituem um grupo distinto entre os demais usuários de drogas, com características e necessidades de tratamentos próprias e urgentes.

No Brasil, constata-se a necessidade de investigar e analisar o perfil da população usuária de crack que acessa os serviços de saúde. Estudos transversais que se direcionem a esta clientela são fundamentais, pois se observa o aumento da procura por tratamento pelos usuários de crack em suas diversas modalidades, inclusive internação para desintoxicação dessa substância (GUIMARÃES, 2008). Neste sentido, este recorte da pesquisa intitulada “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul-RS”, tem o intuito de conhecer o perfil e as características destes usuários, entendendo que tal conhecimento torna-se essencial para ajudar na compreensão desta problemática psicossocial em suas implicações individuais, coletivas, familiares, bem como para a elaboração de estratégias para a oferta e modalidades de tratamento.

### **Metodologia**

Através de uma metodologia quanti-qualitativa, foram elaborados instrumentos (roteiros de entrevistas semi-estruturadas) para familiares e para usuários de crack. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), nº 2527/10, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), entrou-se em contato com informantes-chaves, isto é, pessoas vinculadas aos serviços de tratamento (ESF, CAPSia, CAPS AD, CT e Hospitais de referência), bem como da comunidade (líderes comunitários e religiosos), com conhecimento especial da população em estudo, para agendar as entrevistas, que foram realizadas nos próprios serviços públicos, casas ou entidades comunitárias/religiosas.

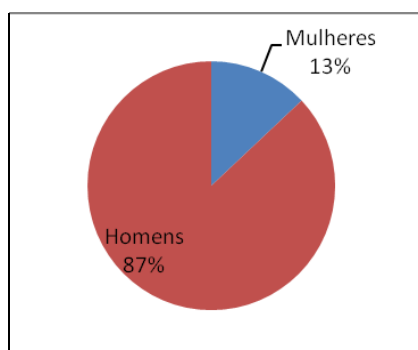
Nos dias agendados, foram esclarecidas dúvidas, salientado o sigilo, explicadas as propostas da pesquisa e realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado. As entrevistas foram realizadas no período de abril de 2010 a julho de 2011, totalizando 200 sujeitos (100 sujeitos que já haviam realizado uso de crack, e 100 familiares de usuários desta substância). A coleta de dados foi realizada por um grupo de pesquisadores, composto de integrantes do Projeto Novos Rumos, estagiários e acadêmicos do Curso de Psicologia da UNISC, os quais receberam capacitação específica quanto à utilização e aplicação do instrumento de coleta. Para garantir maior fidedignidade dos dados pesquisados,

as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra.

Neste artigo, são apresentados e analisados dados quantitativos obtidos nas entrevistas com os usuários de crack. Os mesmos foram organizados e tabulados no Excel e, apresentados neste artigo em forma de figuras.

## Resultados

Observou-se uma predominância masculina no uso do crack: 87% da amostra são homens, e apenas 13% mulheres. Cabe salientar que a maioria dos serviços, onde foram realizadas as entrevistas, são destinados a atendimentos para ambos os sexos, ainda que com maior número de leitos (no caso dos hospitais de referência) para homens. Diante dessa considerável diferença, torna-se procedente problematizar e realizar investigações mais amplas, na tentativa de entender e elencar motivos que possam estar configurando essa realidade, ou seja, de que essa droga venha sendo mais consumida pelo sexo masculino.

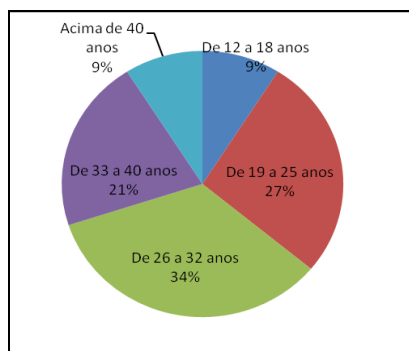


**Figura 1: Relativa ao sexo dos usuários de crack**

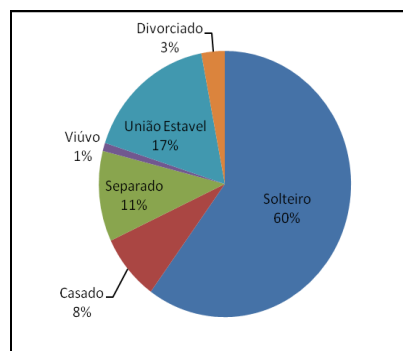
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

Conforme a figura 2, a idade de maior concentração dos sujeitos encontra-se na faixa etária dos 19 aos 32 anos (61%), ou seja, no início da idade adulta jovem. Seguida da faixa etária de 33 a 40 anos (21%), da faixa de 12 aos 18 anos (9%), assim como a acima dos 40 anos (9%).

Quanto o estado civil, a figura 3 apresenta que 60% da amostra é constituída por sujeitos que se dizem solteiros, 17% em união estável, 11% separado, 8% casado, 3% divorciado e 1% viúvo. Metade dos usuários (51%) reside com a família de origem, 25% já com família constituída, 22% mora sozinho e apenas 2%, com amigos.

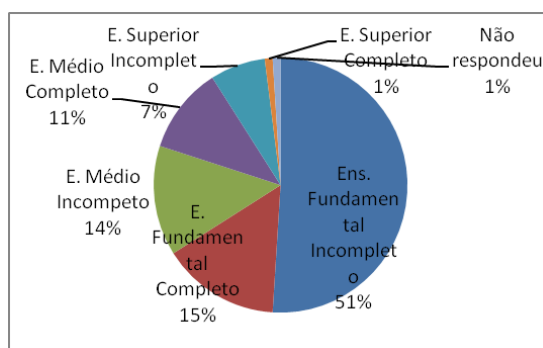


**Figura 2: Faixa etária dos entrevistados**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

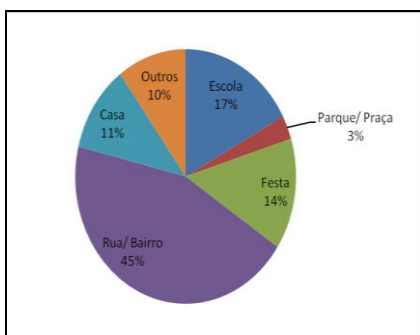


**Figura 3: Estado civil dos entrevistados**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

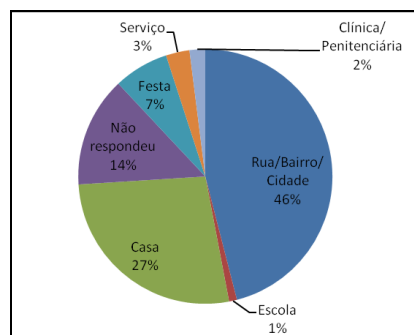
O grau de instrução dos usuários se mostrou baixo como aponta a figura 4, 51% dos sujeitos não possuem o ensino fundamental completo, 15% apresentam o ensino fundamental completo, 14% tem o ensino médio incompleto, 11% tem ensino médio completo, 7% tem ensino superior incompleto e, 1% tem ensino superior completo, sendo 1% não respondeu.



**Figura 4: Grau de instrução dos usuários de crack.**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011



**Figura 5: Onde os usuários começaram a utilizar droga.**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

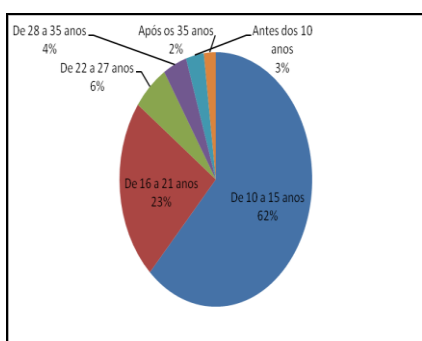


**Figura 6: Onde os usuários começaram a utilizar o crack.**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

Quando questionados sobre o local, a figura 5 nos aponta onde aconteceu o início do uso de drogas, 45% relataram ter ocorrido na rua e no próprio bairro onde vivem, 17% na

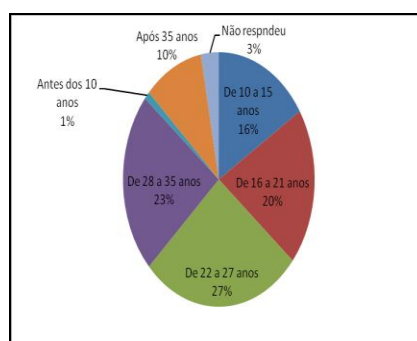
escola, 14% em festas, 11% em casa, 10% em outros locais e 3% em parques e praças. Já na figura 6 percebe-se que o local atribuído para o início do uso do crack foi na rua e no próprio bairro (46%), em casa (27%), não responderam (14%), em festas (7%), no trabalho (3%), nas clínicas e penitenciárias (2%) e na escola (1%).

A figura 7 revela que o início do uso de drogas se deu no período da adolescência, entre 10 e 15 anos (62%) e entre 16 e 21 anos (23%). Na faixa etária dos 22 aos 27 anos (6%), bem como na dos 28 aos 35 anos (4%), antes dos 10 anos (3%) e após os 35 anos (2%). Estes dados corroboram com a literatura, onde salientam o início precoce do uso de substâncias e a adolescência como um período crítico. Entretanto a figura 8 nos mostra que com relação ao início do uso de crack, a faixa etária dos 22 aos 27 anos foi a com maior incidência (27%), seguida da faixa dos 28 aos 35 anos (23%), dos 16 aos 21 anos (20%), dos 10 aos 15 anos (16%), após os 35 anos (10%), não responderam (3%) e antes dos 10 anos (1%).



**Figura 7: A idade em que os usuários começaram a usar drogas.**

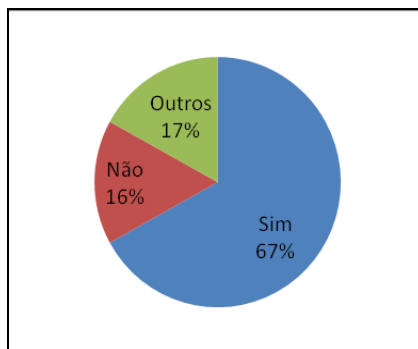
**Fonte:** dados de pesquisa 2011



**Figura 8: A idade em que começaram a usar crack.**

**Fonte:** dados de pesquisa 2011

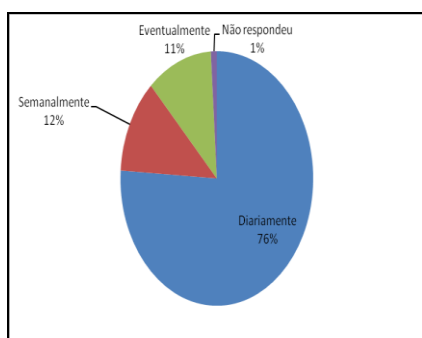
Identifica-se na figura 9 que 67% (Sim) dos entrevistados consideram-se dependentes de crack, enquanto 16% (Não) não se consideram dependentes. 17% das respostas entraram na categoria Outros, pois não souberam o que responder.



**Figura 9: Usuários de crack que se consideram dependentes da droga.**

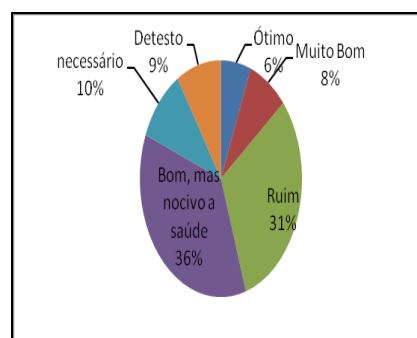
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

A figura 10 nos apresenta a frequência do uso de crack é diária (76%), eventual (11%), semanal (12%); 1% dos usuários não responderam. Já a figura 11 se refere ao questionamento sobre como encaram o uso do crack, a maior parcela dos usuários consideram o uso do crack como algo bom, mas nocivo à saúde (36%), 31% acham ruim, 10% acham necessário, 9% detesta, 8% consideram algo muito bom, e 6% acham ótimo. É interessante frisar que essas respostas denotam a ambivalência em relação ao prazer que a droga traz, pois percebe-se nos discursos a noção dos prejuízos para sua saúde.



**Figura 10: Referente a frequência do uso crack**

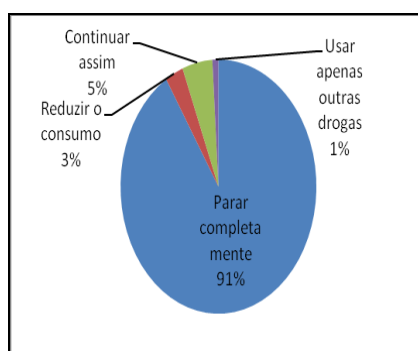
**Fonte:** dados de pesquisa 2011



**Figura 11: Alusivo a como os usuários de encaram o uso da droga**

**Fonte:** dados de pesquisa 2011

É relevante o número de usuários que asseguram querer interromper o consumo de crack. A figura 12 descreve que 91% dos usuários referem a vontade de parar completamente com o uso de crack, 5% preferem continuar assim, 3% falam em reduzir o consumo e, 1% querer usar apenas outras drogas.

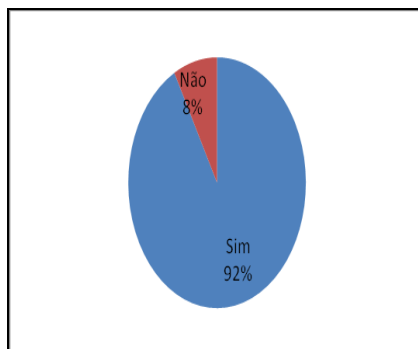


**Figura 12: vontade relatada em relação ao consumo de crack**

**Fonte:** dados de pesquisa 2011

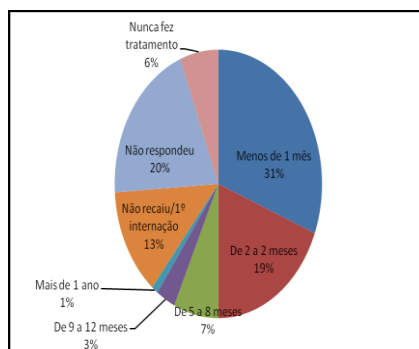
Na figura 13 observa-se que 92% dos usuários afirmam já ter realizado algum tipo de tratamento para a drogadição e, 8% relatam nunca ter procurado nenhum tratamento. Cabe destacar que quase todas as entrevistas foram realizadas em locais de tratamento ou ligadas a

profissionais de saúde, o que pode ser relevante para este índice.



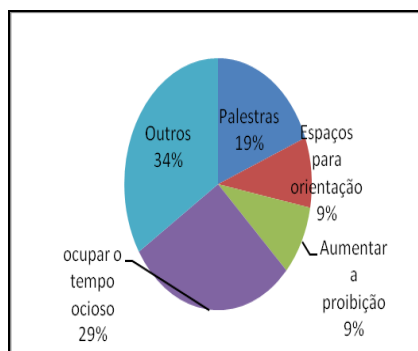
**Figura 13: Usuários de crack que já fizeram tratamento.**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

Com relação ao pós-tratamento e a alta hospitalar, a figura 14 nos revela que o período de até 4 meses pode ser compreendido como o mais crítico para o usuário. A maioria dos entrevistados recaíram em menos de um mês após desintoxicação da droga (31%), de 2 a 4 meses (19%), de 5 a 8 meses (7%), de 9 a 12 meses (3%), mais de um ano (1%), não responderam (20%), não recaíram ou estavam na primeira internação (13%), e que nunca fizeram tratamento (6%).



**Figura 14: Média de tempo que os entrevistados permanecem em abstinência.**  
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

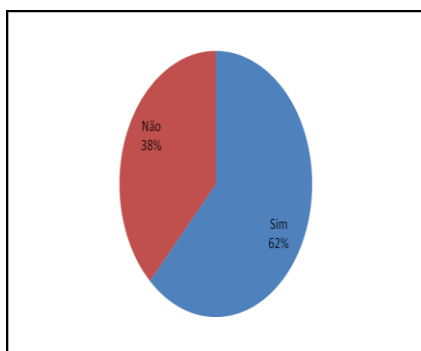
A figura 15 demonstra que na opinião de 29% dos usuários “ocupar o tempo” é a maneira mais eficaz na prevenção ao uso de drogas, 19% acham importante a realização de palestras, 9% pensam na organização de espaços para orientação aos jovens, 9% acham que deve-se aumentar a proibição e 34% acreditam haver outras maneiras de se prevenir o uso de drogas, ressaltando-se que, na maioria das hipóteses, essas estratégias estão vinculadas à religião.



**Figura 15: Opinião dos usuários de crack em relação a forma mais eficaz na prevenção ao uso de drogas**

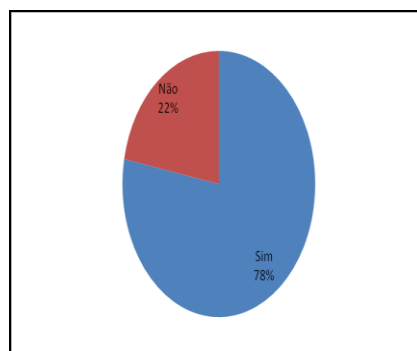
**Fonte:** dados de pesquisa 2011

Constatou-se na figura 16 que 62% dos usuários dizem ter algum familiar também usuário de drogas, contra 38% que dizem não ter outros usuários na família. A grande maioria revela que os pais e/ou avós são ou foram usuários de bebidas alcoólicas e tabaco e, os irmãos em sua maioria usuários de outras drogas. Outro dado significativo é observado na figura 17 de que 78% dos sujeitos tiveram algum tipo de envolvimento com a polícia.



**Figura 16: Existência de familiares que fizeram uso de alguma droga.**

**Fonte:** dados de pesquisa 2011



**Figura 17: Envolvimento com a polícia**

**Fonte:** dados de pesquisa 2011.

## Discussão

A amostra dos usuários de crack da pesquisa caracterizou-se por se constituir de 87% de sujeitos do sexo masculino, solteiro, entre 19 e 32 anos de idade (61%), que reside com sua família de origem, apresentando o ensino fundamental incompleto (51%), e que iniciou o uso de drogas na adolescência, entre os 10 e 15 anos de idade (62%). Soma-se a estes dados, a constatação de possuírem histórico de envolvimento com a justiça, de dependência química na família, e de se considerarem dependentes químicos.



Os dados demonstram que iniciaram o uso de outras drogas e, posteriormente, de crack na rua e no próprio bairro onde vivem. Do mesmo modo, apontam que o início do uso de crack ocorreu entre os 22 e 27 anos, com frequência diária, que já realizaram tratamentos e que, até o quarto mês pós-desintoxicação configura o período mais crítico quanto a recaídas. Cabe salientar que a porcentagem que nunca fez nenhum tipo de tratamento, em sua maioria não se considera dependente de crack e não entendem como necessárias intervenções terapêuticas.

Estes dados corroboram com o Relatório Brasileiro sobre Drogas (BRASIL, 2009), que aponta maior prevalência de uso de crack no gênero masculino e o uso de drogas, abordado a partir do uso de álcool, com o início cada vez mais precoce. Essa preocupação já era frisada por Marques e Cruz (2010), que afirmam ser a passagem da infância para a adolescência um período de risco no qual pode dar-se, mais facilmente, o início do uso de drogas.

Autores como Aberastury (1980) e Bucher (1992) consideram a adolescência como uma fase crítica na vida do sujeito, caracterizada por conflitos de ambivalência, confusão e dor, originados dos desejos de progredir e amadurecer, simultâneos aos desejos de regredir à infância. E essa turbulência colocaria, pelo menos em tese, os adolescentes mais suscetíveis ao uso de drogas.

Torossian (2002) aponta, neste sentido, para a configuração de um paradoxo que toma o adolescente como foco:

A adolescência e a toxicomania constituem um ideal social que os adultos não reconhecem como tal ou negam ao adolescente o reconhecimento demandado. Paradoxo que os adolescentes, e em especial os adolescentes toxicômanos, repetem. Demandam reconhecimento através de um mecanismo socialmente inscrito, mas não reconhecem o seu pedido como tal, rebelando-se e aliviando-se com as respostas (p.149).

A baixa escolaridade da amostra pode ser entendida como consequência do uso precoce de drogas, que pode resultar em evasão escolar. Contudo, também é possível supor que o abandono da escola pode ter dado espaço para o comportamento de consumo dessas substâncias. Para Martins e Pillon (2008) a escolaridade é um importante fator de proteção contra o envolvimento em comportamentos de risco.

Com relação a considerar os entrevistados dependentes ou não do crack, é necessário ressaltar que o conceito de dependência tem sido problematizado no meio científico, pois se torna fundamental neste âmbito, diferenciar o uso recreativo, funcional e histórico-cultural das drogas. Deve-se reconhecer que não é possível estabelecer uma linearidade entre o uso de drogas e a dependência, mas sim, levar em conta a existência de categorias de uso, tais como:

o recreativo e o abusivo.

No presente estudo tomou-se como foco de preocupação, apenas aqueles sujeitos que se encontram num estágio de completa “escravidão” às drogas. Em outros termos, ocupou-se aqui com aquelas situações nas quais se constata que as drogas não mais ocupam um lugar de objeto de prazer, mas sim de necessidade, incapacitando os sujeitos para outras relações, sejam estas de trabalho, laços sociais ou amorosos. Pode-se constatar através dos discursos, que, para os sujeitos, reconhecer-se usuário e dependente químico representa reconhecer-se doente e fraco. Talvez seja exatamente devido a esta associação que o usuário tende a postergar a compreensão de que sofre de adição (PRATTA; SANTOS, 2009).

É importante reconhecer que o uso de drogas pode significar uma possível demanda de tratamento, mas não deve ser esquecido que o uso pode também configurar um modo de experienciar a vida, ou seja, um modo ser e de estar no mundo, uma escolha que deve ser respeitada exatamente por viver-se numa sociedade de direitos. Nesta perspectiva, torna-se importante identificar o perfil, evidenciar características e estabelecer semelhanças e diferenças entre os usuários, na tentativa de ampliar o olhar sobre a questão do uso e abuso de drogas. Desse conhecimento decorre o necessário acolhimento dos sujeitos nas suas singularidades, o que possibilita planejar formas de atenção e tratamento.

Os dados aqui apresentados podem não revelar, para muitos, algo novo, ou melhor, pode produzir o sentimento de já conhecê-los, pois comungam com o que apontam muitas pesquisas realizadas neste âmbito. Contudo se faz importante demonstrá-los na medida em que é necessário conhecer as particularidades e os contextos envolvidos, tendo em vista a dimensão e a diversidade cultural do país. Torna-se fundamental um amplo conhecimento para que se possam sustentar ofertas de ajuda, de atenção na direção de auxiliá-los neste modo de existência ou nas formas de lidar com estas substâncias.

O tratamento do dependente de drogas é bastante complexo, pois como os dados demonstram, as recaídas são freqüentes, fato que pode produzir frustrações também na equipe de profissionais envolvida. Além disso, assinala-se que a fissura pela droga implica numa redução ou total desinteresse pelas tarefas escolares, pelo trabalho e atividades de lazer. Outros fatores como polidependência, alterações de comportamento e envolvimento criminal também contribuem para tornar o tratamento menos efetivo (MARQUES; CRUZ, 2010).

Consideradas em conjunto, as implicações associadas ao uso de crack consistem em importante problema à saúde pública. Urge, portanto, o desenvolvimento de programas de intervenção e políticas públicas para o controle dessa problemática (OLIVEIRA; NAPPO, 2008). Cabe então ao profissional de saúde, desvendar qual é o lugar que a droga ocupa na

vida do sujeito, para que o tratamento possa ser pensado de modo singularizado e flexível.

### **Considerações Finais**

Ao intitular este artigo de (Re)conhecendo o perfil do usuário de crack, buscou-se evidenciar um reencontro, através dos resultados da pesquisa realizada, com um problema social há muito, e por muitos, conhecido. Contudo, muitos discursos acerca desta problemática ainda surpreendem e exigem que sejam tomados em análise, para melhor contribuir com soluções mais eficazes. Desse modo, o presente trabalho instiga a refletir sobre a particularidade desse problema no contexto de Santa Cruz do Sul, ressaltando a pluralidade dos sujeitos escutados. Pretende-se, através destas evidenciações ajudar na produção de conhecimentos, no fortalecimento de espaços políticos, na articulação da rede e na elaboração de novas alternativas para o enfrentamento dessa problemática social.

É fato, portanto, que em torno da droga, e em especial do crack, se produz e se fortalecem discursos que estabelecem uma equação simplista entre usuário e delinquência. Tal simplificação de uma realidade complexa implica em sérios prejuízos para a sociedade e para os indivíduos, pois sustentam práticas preconceituosas e excludentes.

Constata-se que frente ao uso do crack tem se constituído práticas que sustentam e são sustentadas por um discurso ideológico, que o toma como “o problema social”, destruidor da ordem, da família e da paz. Generalizado como uma problemática social, o crack ocupa espaço na mídia em geral como algo determinante da violência e que deve ser dizimado para que a paz social volte a reinar! Nesta esteira, as intervenções, em sua maioria, têm sido no sentido de estancar esta prática antes mesmo de compreender os sentidos, as relações de poder e de verdades que a sustentam. Em decorrência e talvez, exatamente por esta intenção asséptica e ingênua acerca de uma prática que é reconhecidamente multideterminada, constata-se que o uso do crack vem se intensificando no Brasil, alcançando a população de toda faixa etária.

Parafraseando Oksala (2011), a respeito do que Foucault diz do intelectual, cabe ao pesquisador expor novos modos de pensar, que possibilite às pessoas lançarem luz diferente sobre o mundo a sua volta, perturbando hábitos mentais e levando-as a exigir e instigar mudanças. Considera-se que este deva ser o papel e lugar do pesquisador e de suas produções de pesquisas. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho não é o de constituir uma consciência moral ofertada à sociedade em relação ao uso de drogas, mas sim, contribuir para a produção de alternativas de pensar, viver e compreender o mundo, e nessa medida, romper preconceitos em torno do uso de drogas e de seus dependentes. Acredita-se que somente dessa

forma, torna-se possível a elaboração de políticas de cuidado mais apropriadas com a realidade deste tempo e deste lugar.

## KNOWING THE PROFILE OF THE CRACK USER IN SANTA CRUZ DO SUL

### Abstract

This article comes from the research “The reality of crack in Santa Cruz do Sul – RS”, which has investigated the psychosocial issues related to the use of crack and its individual, social and familiar implications in the mentioned city. In this article, we decided to describe the profile of the users of this substance. Based on a qualitative and quantitative methodology, through interviews performed in the treatment services (ESF, CAPSia, CAPS AD, CT and reference hospitals), as well as among the community in the total of 200 interviews, being 100 with families and 100 with drug users. The sample of crack users consisted in 87% mail, most of them between 19 and 32 years of age (61%), and incomplete elementary school (51%). We noticed that the use of drugs starts in the adolescence, most between 10 and 15 years of age (62%), and these users have a history of drug addiction in the family. It follows the importance of analyzing this data and think about public policies for prevention and treatment.

**Keywords:** Drugs. Crack. Users. Profile.

### Referências

ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

BRASIL. *Relatório brasileiro sobre drogas*. Brasília: SENAD, 2009. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Relatorios/328379.pdf>. Acesso em: 25 set. 2011.

BUCHER, R. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto alegre: Artes Médicas, 1992.

GUIMARÃES, F.; VIEIRA DOS SANTOS, D. V.; FREITAS, R. C. de; ARAUJO, R. B. Perfil do usuário de crack e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 30, n.2, p. 101-108. mar./ago. 2008.

MARQUES, A.C.P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462000000600009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MARTINS, M.C.; PILLON, S.C. A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, p 1112-1120, May 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000500018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000500018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2011.

OKSALA, J. *Como ler Foucault*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.

OLIVEIRA, L.G.; NAPPO, S.A. - Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. *Revista de Saúde Pública* v.42, p. 664-671, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n4/6645.pdf>. Acesso em: 30 set. 2011.

PRATTA, E.M.M.; SANTOS, M.A. O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química interfaces e Evolução. *Psic Teor.: e Pesq.*, Brasília, v. 25, n. 2, p 203-211. de Junho de 2009.. Disponível em doi <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722009000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722009000200008) &lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 09 jun. 2011.

PULCHEIRIO et al. Crack – da pedra ao tratamento. *Revista da AMRIGS*. Porto Alegre, p.337-343. jul-set, 2010. Disponível em: [http://www.amrigs.org.br/revista/54-03/018-610\\_crack\\_NOVO.pdf](http://www.amrigs.org.br/revista/54-03/018-610_crack_NOVO.pdf). Acesso em: 26 set. 2011.

TOROSSIAN, S. D. *A construção das toxicomanias na adolescência: travessias e ancoragens*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

VARGENS, R.W.; CRUZ, M.S.; SANTOS, M.A. Comparação entre usuários de crack e de outras drogas em serviço ambulatorial especializado de hospital universitário. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, p 804-812. June 2011 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692011000700019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 set. 2011.

#### **Sobre os Autores:**

*Edna Linhares Garcia*, Doutora, professora, supervisora e pesquisadora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Promoção de Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul”, vinculado a UNISC. Atualmente é Tutora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras drogas. E-mail: [edna@unisc.br](mailto:edna@unisc.br)

*Dulce Grasel Zacharia*, Mestre, professora, supervisora e pesquisadora do Departamento de Psicologia. Coordenadora do projeto de pesquisa intitulado “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul”, vinculado a UNISC e Tutora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras drogas. Atualmente chefe do Departamento de Psicologia. E-mail: [dulce@unisc.br](mailto:dulce@unisc.br);

*Gabrielly da Fontoura Winter*, Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista de Iniciação Científica (PUIC) da pesquisa intitulada “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul”. Bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras Drogas) no Centro de Atenção Psicossocial à Infância e Adolescência (CAPSIA) da cidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: [gaby-winter@hotmail.com](mailto:gaby-winter@hotmail.com);

*Julyana Sontag*, Bacharel em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Pesquisadora voluntária da pesquisa intitulada “A realidade do crack em Santa Cruz do Sul”. E-mail: [jusontag@bol.com.br](mailto:jusontag@bol.com.br)